



SUJEITO FINGE-DOR*

Maurício Roberto da Silva**

*Não sou ingênuo,
sou apenas romântico.
Sou ao mesmo tempo
um sujeito brincante e fingidor:
finjo que minto e finjo dizer
a verdade;
finjo que não vejo, vendo...
finjo que não conto, contando
estrelas...
Não sou tonto,
sei a dor de perder a bola-de-meia
num mundo de acrílico e plástico.
Sou contista de histórias dramáticas
e contador de estórias exuberantes.
Não sou ingênuo,
sou apenas quimérico,
não sou numérico,
sou esotérico.
Sou um cientista que sofre
e goza, chora e ri ao mesmo
tempo do tempo em que vive
Além de tudo sou um poeta desvai-
rado,*

*alegre e desesperado.
Sou orvalhado de lágrimas e
sorrisos.
Não sou ingênuo, sou quebrado,
sou verdadeiro e sou inteiro
A minha sabedoria é exatamente
não saber
muito embora saiba da dor
da lâmina das décadas
e dos séculos...
Na verdade sou um sujeito
muito falante, sou errante,
sou metafórico.
Adoro acender as luzes
da casa quando toda
a família dorme,
quando todos os ladrões
estão soltos pelas ruas geladas
e as casas cerradas.
Adoro apagar as estrelas
quando todos os mendigos
morrem de frio.
Adoro dormir em camas largas*

* SILVA, Maurício. *Infância e Barbárie*: tratos e maus-tratos com a criança brasileira. FE/Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação/UNICAMP, 1996, mimeo.

** Professor do Departamento de Recreação e Prática Desportiva/Centro de Desportos/UFSC. Doutorando em Educação/Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação/FE/UNICAMP. Bolsista do PICD/CAPEL.



*e odeio o conforto das caixas
de papelão com propaganda estam-
pada.*

*O que eu mas sinto prazer
é escrever com uma das mãos
cheia de bolinhas de gude
e com a outra empinar
a borboleta dos meus sonhos
Oh! Minhas pipas, minhas
pandorgas,
meus sexos violados sem violas...
Oh! Minhas pipas, minhas prisões
e liberdades,
todas voando nas noites de papel
branco,
nas quais revelo todos os gozos
e nas manhãs escuras de meu país,
nas quais revelo todas as dores.*

*Sou capaz de fazer de tudo
com minhas pernas-de-pau gigantes
e com os meus braços de elástico
Sou capaz de reinventar o sujeito,
de reinventar tintas e horizontes.
Para mim o horizonte é azul
e o céu é escarlate...*

*Não sou capaz de matar,
sou capaz de nascer.
Sou um poeta e um fingidor
um sujeito agudo e obtuso
sem ser de todo falso.*

*Escrevo com as vísceras vitoriosas
dos sobreviventes e o coração dos
tombados em
praça pública;
escrevo com o calo do labor e o
roçar
do meu sexo*

*e a ausência do sabor;
escrevo com o riso do brinquedo,
o medo da assombração
e o terremoto do coração.*

*Quero sempre poder escrever
sobre este tempo maravilhoso e
hediondo em que vivo.*

*Escrevo como vivo e como morto,
como morto-vivo...*

*Ainda vou escrever sobre beijos
precocemente roubados
sobre coitos e bacanais à luz
do sol da noite.*

*Escrevo sempre sobre bofetões
e carícias torpes, sobre línguas
cortantes, minguas dilacerantes
e dedos penetrantes.*

*Quero lhes contar hoje das ruas
desertas e das casas cheias
das lambidas de gatos pretos
amordaçados.*

*Quero lhes contar dos orgasmos e
das facas me partindo em pedaços
temperados.*

*Quero lhes falar da mordida
tatuada no pescoço e do
líquido preto escorrendo pela boca.*

*Quero também lhes falar de
ninhos e assobios,
de cafunés e pontapés,
de jardins desertos
e desertos floridos.*

*Gostaria mais e mais de escrever
sobre o
tempo de achados e perdidos,*



*encontrados e abandonados.
Este tempo que é um tempo de
resgate das pequenas e grandes
vítimas da explosão da solidão.
Quero dos beijos todas as violências
e dos abraços todas as reminiscên-
cias.*

*Escrevo hoje ainda com o rosto de
cientista
e o coração de artista;
escrevo hoje com alegria, tropeços,
recomeços, indignação e indagação
sobre o tempo bárbaro que construí.
Sou um poeta, um cientista, um
sujeito:*

*um poeta que sente
um cientista que mente
um sujeito que finge
Sou um sujeito fingidor
disposto a representar os papéis de
anjo e demônio,
vítima e algoz que habitam no
interior do coração
do país bárbaro de cada um de
nós...*

*Para acabar com essa história
mando um recado para todos os
adultos do mundo, para todos os
donos de plantação, bancos,
edifícios,*

*fábricas e bordéis:
vocês que bulinaram meus desejos,
vocês que cuspiram nos meus beijos,
vocês que enterraram minhas
bonecas,*

*vocês que viajaram milhões de
quilômetros
na boleia do meu cameãozinho de
lata,
vocês que palmearam os meus
lampejos e fizeram nascer meus
ais, meus pêlos e apelos...
Vocês que deram de presente
um calo e um prato de comida
podre,
vocês que me fizeram carregar
fardos de flores para os meus entes
vocês que fizeram carregar tonela-
das
de algodão e cimento bruto...
Vocês que me fizeram cortar a
cana para beber o fel.
Vocês que apagaram todas as
velas acesas em minha homenagem
e deixaram o mundo no escuro...
A Vocês que me obrigaram a marchar
como soldados impiedosos por entre
as moitas
bélicas do meu bairro,
A Vocês que arrancaram da minha
garganta o "samba-lelê-ta-doente"
e dos meus ouvidos o "boi-da-cara-
preta",
A Vocês que me fizeram de escravo-
de-Jó, escutem bem:
ainda vou brincar de roda,
ainda vou contar estrelas,
ainda vou ensinar vocês a
semear plantações e construir
casas,
ainda vou ensinar vocês a mentir
e a fingir de verdade...*